

VIDA E OBRA DE FREITAS VALLE E JACQUES D'AVRAY: O MECENAS PAULISTANO E O POETA SIMBOLISTA BRASILEIRO

Adriana ZAVAGLIA*

O movimento simbolista brasileiro, que foi talvez o mais disseminado por todo o país, apesar de seu curto período oficial de vigência (1893-1902), é ainda pouco estudado, tanto em termos de autores, que são talvez os mais numerosos da história literária brasileira, como em termos de fatos literários: manifestos, revistas e publicações em geral. Deste modo, quando se fala em Simbolismo Brasileiro, geralmente são privilegiadas duas ou três figuras, como por exemplo Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens e Emiliano Pernetá. Os demais poetas e escritores, que formam um grupo numeroso, são normalmente focalizados apenas de passagem nas histórias literárias, como se pode observar no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1973), de Andrade Muricy.

Nessas circunstâncias, mesmo os estudos em nível de mestrado e doutorado tendem, por um fenômeno natural de atração, a focalizar a obra desses poetas considerados maiores, de modo que os demais só por exceção são retirados do esquecimento.

Esse fenômeno de atração é bastante nocivo ao próprio conhecimento da Literatura Brasileira. O que confere vigor, energia e personalidade a um movimento literário não são apenas os grandes escritores e suas respectivas criações, mas o conjunto dos intelectuais e dos escritores do movimento e os fatos literários com que estes marcam sua passagem.

* Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE - UNESP, São José do Rio Preto - SP. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara - SP.

Dessa forma, resgatar uma figura que está de certo modo esquecida sempre é uma atitude importante. Considerado simbolista, Jacques d'Avray, pseudônimo de José de Freitas Valle, é um poeta pouco conhecido e que escreveu sobretudo em francês. As referências sobre o autor em antologias são parcas, na maioria das vezes relacionadas a Freitas Valle e sua mansão, a Villa Kyrial, salão artístico do início do século XX, localizado na cidade de São Paulo. Considerando também que a obra de d'Avray não foi divulgada, torna-se mais relevante ainda a sua recuperação, pois não há notícia de que tenha sido estudada sistematicamente.

Aproveitando o centenário da morte de Cruz e Sousa e o tema central da XI Semana de Estudos Lingüísticos e Literários, **Raízes do Brasil: Encontros e Confrontos**, realizada na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP em Araraquara, na qual apresentei uma comunicação sobre o tema deste artigo, pretendo, por um lado, divulgar com este trabalho a vida e a obra de Freitas Valle e Jacques d'Avray e, por outro lado, o tipo de pesquisa que realizei no meu mestrado de 1992 a 1994 sob a orientação do professor Rogério E. Chociay (IBILCE – UNESP – São José do Rio Preto).

METODOLOGIA DE DESCOBERTA

Inicialmente, minha pesquisa tinha como intuito estudar a presença e a influência da língua francesa em escritores brasileiros, particularmente do final do século XIX, pois minha formação envolve esse idioma, bem como a atividade de tradução entre ele e o português. Numa busca preliminar entre os escritores simbolistas, logo verifiquei que muitos haviam escrito poemas ou mesmo livros em francês, como, por exemplo, Alphonsus de Guimaraens, Pethion de Villar, Homero Prates, Ismael Martins, Alberto Ramos, Eduardo Guimaraens, Jean Itiberê da Cunha e Jacques d'Avray. Entre esses escritores, pareceu-me interessante a figura de Jacques d'Avray por ser um poeta simbolista de São Paulo cuja vida e obra não eram conhecidas.

Sendo Jacques d'Avray um poeta não conhecido e não prestigiado pela crítica literária do século passado e deste, as dificuldades para encontrar informações a seu respeito foram numerosas. Em primeiro lugar, busquei nas antologias e histórias literárias brasileiras informações sobre d'Avray. Como o que elas traziam era insuficiente, entrei em contato com as bibliotecas mais importantes de São Paulo e do Rio de Janeiro para localizar a obra do poeta. Ao mesmo tempo, por meio da lista telefônica de São Paulo, tentei encontrar membros da família do poeta ainda vivos. Obtive sucesso e recebi a notícia de

que parte da obra de d'Avray havia sido doada ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). No decorrer da pesquisa documental, fui compilando artigos, certidões, fotos descobertos em arquivos históricos do Estado de São Paulo (jornais e teatros), em museus, na Faculdade de Direito de São Paulo, na Academia Paulista de Letras, entre outros. Assim, após dez meses de procura, em outubro de 1992, recebi as fotocópias de duas das obras do poeta, *Les Tragipoèmes* (série de 1916) e *Les Tragipoèmes* (série de 1917), da Casa de Rui Barbosa do Rio de Janeiro. Mas foi somente em outubro de 1993, devido a uma série de desencontros (reformas no IEB-USP e na biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo), que consegui entrar em contato direto com a obra de d'Avray, incluindo manuscritos. Dessa forma, denominei a metodologia desse trabalho como sendo **de descoberta**, já que o plano inicial, que incluía também a tradução e a análise da obra do poeta, e as diretrizes da dissertação foram sendo pouco a pouco modificados de acordo com as descobertas feitas a respeito da vida e da obra do autor.

Assim, minha pesquisa passou a ter outro objetivo, ou seja, a reconstituição biobibliográfica de Freitas Valle e Jacques d'Avray. Para isso, elaborei uma pequena biografia do autor, avaliei a importância de Freitas Valle e da Villa Kyrial no contexto da época, apresentei parte de sua obra juntamente com uma tradução comentada, tracei um perfil dos dispersos do autor e anexei à dissertação poemas inéditos, fotos e reprodução de documentos. Como ilustração, apresentei uma reconstituição de suas raras e refinadas obras de 1916 e 1917, *Les Tragipoèmes*, com quatorze plaquetes, cujas capas, xilogravuras de Boaventura Pacífico, verdadeiras obras de arte, foram reproduzidas em pastel sobre papel cartão por Patricia Zavaglia Paschoalino. Declamações de poemas do autor feitas por ele mesmo e um de seus tragipoemas musicado para piano e voz por Alberto Nepomuceno foram também gravados em fita cassete.

Apresento a seguir um resumo de parte dessa reconstituição, tratando primeiramente de sua vida e do aparecimento de seu pseudônimo e, em segundo lugar, enfatizando alguns dos aspectos mais importantes levantados em minha dissertação de mestrado.

FREITAS VALLE

José de Freitas Valle nasce em Alegrete-RS em 10 de dezembro de 1869. Faz seus preparatórios em Pelotas e parte para São Paulo em 1886, quando se matricula na Faculdade de Direito. Ali conhece, entre outros,

Alphonsus de Guimaraens, de quem seria amigo durante toda a sua vida. Alphonsus chamaria mais tarde Freitas Valle de **Príncipe Real do Símbolo, Grande Poeta Desconhecido**. Casa-se aos 18 anos com Antonia Egidio de Souza Aranha, com quem tem quatro filhos. Fica viúvo muito cedo, sendo sua nova companheira Regina Masé, de cuja união nascem mais três filhos. Forma-se bacharel em 1891. Em 1893 passa no concurso para a cadeira de francês do Ginásio Municipal de São Paulo, onde lecionaria até 1936. Entra para a política como deputado em 1903, sendo eleito mais tarde como senador em 1924. Como político, escreve dois livros sobre o ensino no Brasil: *O Ensino Público e a sua Solução no Estado de São Paulo* (1921) e *O Ensino Público no Governo Washington Luls* (1924). Funda, com Ramos de Azevedo, Adolfo Pinto e Sampaio Viana, a Pinacoteca de São Paulo, inaugurada em 15 de novembro de 1905. Funda e dirige com Sampaio Viana e Ramos de Azevedo o Pensionato Artístico do Estado, que oferecia bolsas de estudo aos jovens artistas brasileiros que queriam se aperfeiçoar no exterior, como o pianista Souza Lima, a pintora Anita Malfatti e o escultor Victor Brecheret. No início do século, transforma sua mansão – a Villa Kyrial, situada à rua Domingos de Moraes 300, em São Paulo (o prédio acabou demolido em 1961) –, um salão artístico no início do século, onde recebia os artistas (modernistas e passadistas) e políticos da época, organizava recitais, jantares, palestras e apresentava novos talentos à sociedade paulistana. Sua força, segundo Menotti del Picchia, foi decisiva para a arte brasileira. Em 1948 é eleito membro da Academia Paulista de Letras. Morre em 14 de fevereiro de 1958, aos 88 anos.

Da vida de Freitas Valle, resumida acima, pode-se ressaltar sua atuação marcante em relação aos antecedentes da Semana de Arte Moderna. Como proprietário da Villa Kyrial e, principalmente, como diretor do Pensionato Artístico do Estado, Freitas Valle, o grande mecenas de São Paulo, enviou à Europa, dentre centenas de jovens, Anita Malfatti e Victor Brecheret. Estes, segundo Mário de Andrade e Mário da Silva Brito, teriam sido os reveladores no Brasil das novas tendências artísticas que estavam em vigor na Europa e os gatilhos que teriam feito o Modernismo estourar.

A busca de uma arte essencialmente brasileira parece ter sido uma das principais preocupações do Modernismo, cuja independência estética provavelmente foi sua maior conquista. Essa independência, no entanto, nasceu de sua relação com as tendências estéticas europeias do início do século XX, as quais só viriam a ultrapassar as fronteiras brasileiras por intermédio de José de Freitas Valle e do Pensionato Artístico do Estado. Essa contribuição de Freitas Valle, aristocrático amante da cultura francesa, aos

primórdios da Semana de 22 permaneceu esquecida devido ao próprio caráter nacionalista do movimento modernista, não obstante este ter sido impulsionado por forças estrangeiras, filtradas pelos artistas brasileiros que iam à Europa em busca de aperfeiçoamento. Hoje, no entanto, há quem diga que o nacionalismo exacerbado dos modernistas chegou a prejudicar a avaliação da arte brasileira que, por vezes, consagrou artistas apenas por mérito temático.

JACQUES D'AVRAY

Assinando Freitas Valle, o autor publica *Rebentos*, em 1888, pela editora King, aos 18 anos, em português. Como o livro não havia sido bem aceito pela crítica e como o autor não queria se expor ao ridículo, Freitas Valle recolhe todos os exemplares que estavam à venda. A partir de então, passa a escrever somente em francês sob o pseudônimo de Jacques d'Avray, despersonalizando o poeta e dissociando-o totalmente de Freitas Valle. Este, quando se refere a d'Avray para os amigos, utiliza-se da terceira pessoa do singular. Ele mesmo começa a publicar edições luxuosas de seus livros, com os quais presenteava amigos e entes queridos. Apresenta suas obras musicadas no teatro municipal de São Paulo e grava algumas declamações de seus poemas pela Odeon. Além dos manuscritos, tem publicados: *Les Tragipoèmes* (1916 e 1917) e *Rebentos* (1888).

D'Avray escreveu – em francês, português, italiano e espanhol – epigramas, apologias, poemas infantis, peças de teatro em versos e tragipoemas. Sua obra em manuscritos encontra-se dispersa em diversos locais em São Paulo, entre bibliotecas, museus e arquivos em geral. É importante ressaltar que Jacques d'Avray foi o único poeta brasileiro que levou a arte simbolista ao teatro e à música por meio de seus tragipoemas, que foram musicados, interpretados e representados.

Para resumir o teor dos tragipoemas, pode-se dizer que Jacques d'Avray buscou sua poesia na tragédia, podendo assim sugerir por meio das palavras esse mundo enigmático que lhe transbordava o eu profundo, cujo lirismo é regulado pelo intelecto. Seus tragipoemas não cantam o destino irremediável dos deuses, nem apenas o indivíduo e a sociedade; cantam o conflito da poesia simbolista com seu passado, seu presente e seu futuro, utilizando o mistério visível das lendas e dos mitos permeado por um existencialismo poético em que o trágico consiste nessa busca mesma de identidade com o absoluto, encontrado em sua mais pura expressão. No

tragipoema não cabe o poema trágico, mas o trágico da existência do poema, ou, talvez, da própria poesia simbolista.

Apresento a seguir um dos tragipoemas do autor e sua respectiva tradução. É importante notar que a tradução corresponde a uma primeira leitura da obra do poeta. Assim, a tradução não se encontra acabada, devendo ser retomada em estudos posteriores. Não há, portanto, compromisso com a forma (métrica, rima, entre outros), sendo que os comentários feitos no corpo da dissertação não serão retomados aqui. O tragipoema em questão pertence à segunda série de *Les Tragipoèmes* (1917) e foi dedicado a Alberto Ramos.

Les Âmes en Allées

“Il venait de là-haut...,
De la montagne,
Laisant derrière lui
Sur le coteau
Vert, déployés, les draps fleurants de la campagne,
Où la lune égarait son célestial ennui...”

“Il voulu voir l’écume
Fuyant la mer...,
Les flots gonflants la plage...
Et, dans la brume...,
L’OCÉAN – tantalique assoiffé mis aux fers
Et dont les tremblements lourds dénoncent la rage...”

“La mer le sent venir,
En sa jeunesse...,
Fait son œil vert plus doux...,
Pour l’accueillir...
Et commence à promettre, attirante et traîtresse,
Paradis à foison pour l’espoir le plus fou.

“Il entend la sirène
En sa chanson...
Et son désir s’éveille
Devant la reine
De ce pays si bleu, mystérieux, profond,
Dont la plus grosse perle est la moindre merveille...”

“La vit-il à sa cour,
Resplendissante?...”

Comprit-il son regard
D'attrait, d'amour?...
Devina-t-il au fond de la mer mugissante
Ce qu'il avait pensé, le pauvre petit gars?...

“On l'a vu de la grève,
Au lointain bloc,
S'élançer vers les ondes,
Butant son rêve...
Et la mer rejeta, pour fleurir sur le roc,
Une larme arrachée à son sein noir, qui gronde.

“Une vague y laissa
La semence pleurée...
Et la plante y poussa
Des âmes en allées.”

Ô pauvres petits gars, qui venez de la terre...,
Détournez-en les yeux.
La mer, mauvaise conseillère...,
Ouvre notre horizon..., nous approche des cieux...,
Pour nous dire, pauvres hommes,
Le peu..., le rien que nous sommes,
Et nous montre, du seuil de L'INFINI, là-bas...,
Tout l'infini de tout ce que nous n'aurons pas.

Almas em Fuga

“Ele vinha lá do topo...,
da montanha,
Deixando atrás de si
Sobre a colina
Verde, estendidos, os lençóis aromáticos do campo,
Em que a lua desprendia seu celestial tédio...”

“Ele quis ver a espuma
Afastando-se do mar...
As ondas banhando a praia...
E, na bruma...,
O OCEANO – tantálico ávido aprisionado
E cujos pesados estrondos denunciam o furor...”

“O mar o sente chegar,
Em sua juventude...,
Faz seu olho verde mais doce...,
Para acolhê-lo...
E começa a prometer, atraente e traidor,
Paraíso à farta para a esperança mais louca.

“Ele escuta a sereia
em sua canção...
E seu desejo desperta
Diante da rainha
Deste país tão azul, misterioso, profundo,
Onde a maior pérola é a menor maravilha...

“Ele viu em sua corte,
Resplandecente?...
Compreendeu seu olhar
De atrativos, de amor?...
Adivinhou no fundo do mar bramante
O que ele tinha pensado, o pobre jovem?...

“Foi visto da praia,
À longínqua rocha,
Lançar-se às ondas,
Sustentando seu sonho...
E o mar lançou, para florescer sobre o rochedo,
Uma lágrima arrancada de seu seio negro, que retumba.

“Uma onda ali cravou
A semente chorada...
E a planta ali expeliu
Almas em fuga.

Ó pobres jovens, que vêm da terra...,
Desviem os olhos.
O mar, sinistro conselheiro...,
Abre nosso horizonte..., nos aproxima dos céus...,
Para nos dizer, pobres homens,
O pouco..., o nada que nós somos,
E nos mostra, do limiar dO INFINITO, lá embaixo...,
Todo o infinito de tudo o que não teremos.

POETA DA POEIRA

Assim como Jacques d'Avray, muitos escritores brasileiros, simbolistas ou não, classificados talvez injustamente como autores menores ou secundários, ficam submersos sob uma espessa camada de poeira e permanecem sempre à sombra dos mais famosos. Quando se trata de autores simbolistas, a complexidade do problema acentua-se ainda mais, pois a própria constituição física dos livros – geralmente refinadíssimos e, portanto, caros e raros – torna difícil o acesso a eles. Inúmeras são as obras de que não se sabe o paradeiro. Deve-se considerar, porém, que muitas delas dão testemunho da vida literária em determinada época, e apresentam aspectos e particularidades de certo movimento literário de um modo às vezes mais esclarecedor do que as obras dos grandes autores. Assim, a pesquisa em torno da obra e da vida de Jacques d'Avray e Freitas Valle permitiu vislumbrar um momento histórico e literário, cujo conjunto talvez nunca antes tenha sido revelado. Ao ressuscitar esse poeta da poeira, ressuscita-se também parte da literatura brasileira, ou seja, das **raízes do Brasil**.

Referências bibliográficas

D'AVRAY, J. *Les tragipoèmes*: 1^o série. São Paulo: s. n., 1916.

_____. *Les tragipoèmes*: 2^o série. São Paulo: s. n., 1917.

MURICY, A. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura, INL, 1973. 2 v.

ZAVAGLIA, A. *Vida e obra de Freitas Valle e Jacques d'Avray: o mecenas e o poeta sem história*. São José do Rio Preto, Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 1994. 405 p.